

CIDADES E PAISAGENS UTÓPICAS: LEVANTES E IMAGENS DOS PROTESTOS FORA BOLSONARO

Tatiane Mendes¹

Resumo: Em tempos de pandemia quais são os modos possíveis de apropriação do espaço urbano? Como pensar a cidade enquanto carne e pedra, ou seja, parte de nossas humanidades e simbolismos – bem como do cimento e concreto de suas construções – como pensa Richard Sennett (2003) se nos encontramos atravessados por tempos de profunda incerteza, em um estado de exacerbadas desigualdades sociais? Após dois anos da Organização Mundial de Saúde haver decretado a pandemia de covid-19, reflexos da grave crise humanitária alcançam múltiplas dimensões. Em tempos como esses, urge pensarmos soluções de enfrentamento à barbárie, para um contexto de maior solidariedade de uma sociedade mais justa. Assim, esse trabalho tem o objetivo de analisar a cobertura fotojornalística dos protestos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro durante o ano de 2021. Através dos registros realizados por essa autora, temos o objetivo de investigar as paisagens utópicas construídas na medida em que as ruas são ocupadas por faixas, discursos e corpos.

Palavras-chave: levantes; fotografia; cidade; pandemia.

Contato: tatianemendes@id.uff.br

Introdução

Em tempos de pandemia, quais são os modos possíveis de apropriação do espaço urbano? Da barbárie às paisagens utópicas: como as imagens constroem espaços de potência e reinvenção do espaço urbano? O objetivo do presente trabalho toma como premissa o contexto pandêmico para analisar a cobertura fotojornalística² dos protestos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro durante o ano de 2021. Através dos registros realizados por essa autora, temos o objetivo de investigar as paisagens utópicas construídas na medida em que as ruas são ocupadas por faixas, discursos e corpos, que demandam a garantia aos direitos básicos de saúde, educação e integridade, contrários à condição de precariedade estabelecida e agravada no país desde o início da pandemia de covid-19. Os números não escondem a gravidade da situação. Nos últimos dois anos,

¹ Doutorada em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil (2020). Professora Substituta da Universidade Federal Fluminense, Brasil.

² Disponível em

<https://drive.google.com/file/d/1pyKOBhhvooYyIWK0eV5uQ3fNmEAomIgf/view?usp=sharing>

Mendes, T. 2024. “Cidades e paisagens utópicas: levantes e imagens dos protestos fora Bolsonaro”. In *Atas XI Encontro Anual da AIM*, editado por Catarina Maia, Caterina Cucinotta, Francisco Merino e Sérgio Bordalo e Sá, 83-92. Coimbra: AIM. ISBN 978-989-54365-6-9

mais de 600 mil casos de COVID-19 foram notificados entre mulheres grávidas e mais de três mil delas morreram. No primeiro semestre de 2020, houve um aumento de 39% nos casos de assassinatos de pessoas trans no Brasil³ em relação ao ano de 2019, considerado o mesmo, as chamadas para linhas diretas de denúncia de violência doméstica aumentaram 40% em alguns países durante esses períodos.

A partir de tal contexto, tomamos como método a revisão bibliográfica e a análise de imagens para contextualizar os corpos na rua registrados em imagens nos protestos como relações que se estabelecem entre sujeitos e a cidade. Os corpos dispostos nas ruas se tornam objeto de análise, se situam em relação uns com os outros. Ocupam espaços. Criam paisagens. Transgridem. São corpos que ousam escapar de seus lugares cotidianos e ocupar a rua. Manifestam-se. Corpos pelo direito de aparecer. A visibilidade dos corpos é o objetivo pelo qual os movimentos sociais ocupam os espaços públicos, buscando entoar suas próprias vozes. São instrumento de lutas políticas e sociais, forma de sentir a cidade através de performances como forma de intervenção, ou corpografias. Entendemos no ideário de Paola Barenstein corpografias como "leitura do espaço urbano pelo corpo" (Jacques 2006), atravessamentos no espaço urbano, criando narrativas. Mas quais seriam tais narrativas e como investigá-las? Dialogamos então como a ideia de corpos como contestação do espaço. Para Michel Foucault, os corpos configuram heterotopias ou o desvio que contesta o espaço estabelecido de poder, podendo ser identificados como transformação, como um lugar ligado ao provisório enquanto experiência singular de espaço e tempo.

Seriam os corpos capazes de criar espacialidades, identificar caminhos? Entendemos que o corpo, no caso do objeto escolhido, é uma leitura possível da cidade. As fotos poderiam assim funcionar como cartografias, registros do corrido? Apontamos um caminho a partir do qual as imagens se tornam um ponto de interpretação dos levantes, forma e sentido políticos, visto que, ao se colocar de pé, um coletivo assume seus corpos e os dá a ver. Colocar-se em situação de visibilidade é fazer das imagens um recorte de tempo e espaço, mas, indo além, prescrutar um caminho possível para os levantes reverberarem para além do espaço físico das cidades.

Corpos políticos nos protestos Fora Bolsonaro

³ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-01/brasil-registrou-140-assassinatos-de-pessoas-trans-em-2021>. Acesso em 21/06/2022

Em 2021, contrariando os quase 400 mil mortos por covid-19, centenas de pessoas ocuparam as ruas, protestando pelo direito à vacinação e pela deposição do presidente brasileiro, conformando assim uma pauta diversa pelos direitos humanos. Dialogamos aqui com a ideia de levante ou, segundo Didi-Huberman (2017) gestos coletivos que, de alguma forma, se aproximam de um “sopro de um corpo que não aceita mais sofrer” e em sua forma têm uma capacidade de resistir e transformar o contexto da vida. Na ação da coletividade, a própria ação de reunir-se, em tempos de distanciamento social, pode constituir um desvio. Ao ocupar se constitui como espaço político, seja na potência de reunir corpos em aliança (Butler 2018), seja na medida de compor outras dimensões sensíveis, seja por gerar espaços de solidariedade que se impõem à condição de precariedade contemporânea. As pessoas ousam escapar de seus lugares cotidianos e propõem diferentes narrativas, concentram um *ethos* político, que se acentua quando tais corpos são colocados em relação, exercitando o direito de aparecer e ocupar, reivindicando uma vida a ser vivida de modo distinto, pleno. Logo, há um exercício de liberdade de ser em conjunto: pessoas, cidade e experiência. Entendendo a experiência na cidade como parte majoritária da condição de existência contemporânea, também entendo que tal experiência está permeada de normas, visibilidades e invisibilidades, silêncios e falas em disputas. Exercer o direito à existência e combater a precariedade será vincular-se às experiências sensíveis e coletivas que os levantes oferecem, ocupando e ressignificando um espaço público e criando alianças. Nesse sentido, a potência política das imagens dos protestos parecem se dar na medida de possibilitar e potencializar tais alianças pelo exercício de criação das narrativas potentes, de sons, imagens, corpos em comunicação, que precisam ser vistos e ouvidos, coletivizados em suas individualidades, em prol de um *ethos* de solidariedade, que desafia a precariedade, conceito desenvolvido por Judith Butler (2018) para representar o projeto neoliberal que escolhe quais corpos e vidas devem sobreviver.





Figura 1: mosaico com cobertura fotográfica dos protestos #forabolsonaro

Fonte: acervo pessoal

Liberdade e precariedade são condições de possibilidade da existência, atravessadas por normas, enunciados e práticas sociais, como a cultura e a política, mas também por pontos de fuga, atravessamentos e experiências estéticas que ajudam a construir (ou desconstruir) a percepção de mundo. Entendo que uma existência livre se dá na medida da condição de visibilidade de uma pessoa em face do contexto social no

qual está inserida. Assim, existências legitimadas pelo contexto social, normas e instituições tendem a viver em liberdade. Ao passo que existências invisibilizadas ou precarizadas são diminuídas em sua potência de ser. A proposta do presente trabalho caminha em diálogo com a perspectiva de que a análise da cobertura fotográfica dos levantes identifica modos de visibilizar existências em um espaço urbano, acionando corpos em prol de uma experiência coletiva de cidade. Nesse sentido, percorro o caminho metodológico entendendo que a dimensão política das imagens se dá em três instâncias, que utilizo como categorias de análise: a performatividade, a assembleia provisória e o corpo político. Em primeiro lugar, a performatividade – para Butler (2018) uma forma de ação na rua, exercício de existência, na relação e na liberdade, que coube aos coletivos observados potencializar, de modo efêmero, mas que reverbera com intensidade através dos fluxos da cidade. A potência política da performatividade se dá na medida de criar assembleias provisórias ou potências de vida solidárias. Contudo, para constituir formas de ação e ocupar espaços em assembleias é preciso primeiro compreender os corpos como fenômenos inseridos no social. Corpos que são origem e destino dos ritos que compõem a cidade, corpos que ressignificam a experiência humana, quando apreendem de modo distinto a ideia de espaço e tempo e se constituem como políticos, posto que criam a instância do coletivo na cidade.

Dialogo inicialmente com Paola Jacques (Nascimento, 2016) para entender o corpo como instrumento de lutas políticas e sociais. Da autora temos a corpografia como um conceito para pensar uma forma de sentir a cidade através de performances, atravessamentos no espaço urbano que suscitam igualmente o material ou visível e o imaterial ou invisível. O corpo será a forma de intervenção que, através do movimento, da experiência sensível de se colocar no espaço, pode questionar práticas e estruturas sociais.

Me aproximo também de Michel Foucault, ao compreender o corpo como o contrário da utopia, mas como a heterotopia. Se, para o autor, a utopia é um devir, “um lugar fora de todos os lugares” (2013, 8), a heterotopia é o desvio, que contesta o espaço estabelecido de poder, podendo ser identificada como transformação, como um lugar ligado ao provisório enquanto experiência singular de espaço e tempo, posto que é experiência. As heterotopias são assim “rupturas da vida ordinária, imaginários, representações polifônicas da vida, da morte, do amor, Eros e Tanatos” (ibid, 38) permeadas de subjetividades, que atravessam e compõem as cidades. Na ideia foucaultiana de heterotopias, localizo os levantes registrados na fotografia como

experiências, com a potência de contestar espaços e territorialidades estabelecidos da cidade à medida que se pensa o corpo enquanto fenômeno social. Mas quais seriam tais experiências? Em consonância, há em David Le Breton (2007) a ideia de corporeidade como experiência no espaço e no tempo, através da qual o corpo pode produzir sentidos, atuando de modo ativo, político e cultural, criando e transformando sistemas simbólicos através dos corpos em aliança, onde o corpo se faz sujeito do fenômeno social e surge um componente que potencializa a experiência: a coletividade na emergência dos levantes.

O corpo da performatividade (Butler 2018) busca tirar do lugar coisas, ideias e pessoas, propondo outras formas múltiplas de vivenciar a cidade, com todos os sentidos e não apenas a visão, privilegiada, segundo Paola Jacques (2006), em uma conformação moderna do mundo, em que o corpo é objeto e não sujeito da análise social. Particularmente na cidade do Rio de Janeiro – de elevada densidade simbólica (Ribeiro in Jacques 2006), capital cultural e cosmopolita – o corpo foi e é atravessado de modo intenso por imaginários que buscam definir uma ideia de cidade, invisibilizada ou tornando menos importantes todas as demais percepções. Buscar a compreensão dos levantes dos protestos #ForaBolsonaro como estratégia de atravessamento através da experiência dos corpos é entender que a percepção da cidade é múltipla, porque feita de emoções e afetos compartilhados e não pode ser encerrada em uma só imagem-síntese ou narrativa; ao contrário. Na ocupação das ruas, há a busca de construir um espaço político através das performatividades dos corpos e, assim, pluralizar as múltiplas experiências de cidade. A ideia de corpografia é então uma forma de leitura do espaço urbano onde “a cidade é lida pelo corpo [...] A corpografia seria a memória urbana no corpo, o registro de sua experiência da cidade” (ibid, 119), experiência que se coloca como espaço e tempo, política e sensível por excelência. Tal movimento se associa à ideia de performatividade em Butler (2018) e se dá em oposição à desindividuação que o capitalismo traz – promotor de igualdades e identificações pautadas no valor de consumo. No fortalecimento de uma ressubjetivação do cotidiano através da observação da experiência do corpo na cidade, pode-se criar um vínculo fundamental do comum, espaço, tempo e sensibilidade vividos fora da funcionalidade moderna, nas associações que os participantes e organizadores experimentam no coletivo uma proximidade entre corpos, espaço e tempo em face de liberdades e solidariedades.

Em relação com a cidade, através da experiência libertadora, há uma potência de reexistir à parte do ordenamento capitalista e moderno que se impôs sobre a cidade. Tal experiência, no viés que proponho aqui, identifica as imagens fotográficas como narrativas de um processo social, pode ter muitos nomes. Entender que os corpos, enquanto fenômenos políticos, empreendem deslocamentos que se mobilizam e estão na praça em aliança significa também localizar que tais associações ou reuniões de corpos e pessoas nas ruas demandam não somente os vínculos criados, mas as rupturas e afastamentos, agregações e desagregações: controvérsias que a ideia de performatividade abarca. Será na perspectiva de pensar os corpos enquanto agentes de produção de espaços políticos, sem esquecer as controvérsias que seguimos para entender as coletividades, ou assembleias, dos levantes.

Assembleias Provisórias no #ForaBolsonaro

Na construção do corpus de análise, há indícios de que a performatividade é o gesto, a ação empreendida pelos corpos que ocupam a rua, ato que tem a dimensão a um só tempo estética e política e que gera associações, efeitos de tais ações que entendo como formas provisórias. Tais são as assembleias, entendidas por Butler (2018) como formas imprevistas de política, um espaço criado na cidade a partir do gesto coletivo. Em tal análise, as assembleias são a um só tempo efeito político e comunicacional, posto que, no gesto coletivo definido como performatividade, engendram associações, nexos entre os corpos, o espaço da cidade, as imagens, as controvérsias e diálogos. Assim, se o corpo age empreendendo o gesto performático, a assembleia é o efeito do gesto do corpo. Mas como perscrutar tal forma? A partir das ações observadas nas fotos, onde uma imagem sobressai: a ideia de Didi-Huberman (2013) sobre os levantes como ação que tem forma e sentido políticos, visto que, ao se colocar de pé, um coletivo assume seus corpos e os dá a ver. Colocar-se em situação de visibilidade, ocupar uma praça ou rua é assim um acontecimento provisório, constituído de indivíduos que se opõem a determinado poder. Na mesma obra, Antônio Negri (in Huberman 2017), ao dialogar com Didi-Huberman, afirma sobre os levantes que são gestos coletivos que, de alguma forma se aproximam da performatividade, produzem gestos e efeitos, tendo uma capacidade de resistir.

E se o gesto pressupõe a performatividade, o efeito da ação é a um só tempo sensível – posto que resultado da ação de humanos – e político – posto que reivindica

a visibilidade diante do espaço público e a modifica de um certo estado de vida na experiência de ocupação das ruas.

Como aponta Didi-Huberman, a experiência é “não saber, prova do desconhecido, ausência de projeto, errância nas trevas. [...]. Ela é não poder por excelência, notadamente com relação ao reino e à sua glória. Mas ela é potência” (2011, 143), experiência clandestina, desvio e atravessamento na cidade.

Imagens como Levantes

Apontamos, a partir das análises realizadas, a compreensão da fotografia enquanto possibilidade prática de liberdade é um mecanismo através do qual a escuta sensível e a prática da fotografia podem criar lugares de reflexão. Na possibilidade de criação de um espaço de reflexão e diálogo, tomamos como norte o reconhecimento do outro, que repercute na confirmação do sentido da minha vida, no que me atravessa enquanto sujeito.

A fotografia aqui identifica-se em sua dimensão comunicacional de troca, experiência compartilhada, porque implica o olhar para o mundo e igualmente para si. Essa troca transforma ambos os lados, a imagem e o sujeito. Nesse componente inerente à imagem capturada, entendemos a aproximação com o pensamento de Barthes (1984) sobre o *punctum* como aquilo que mobiliza, convoca o olhar, um detalhe cuja força atravessa corpos e mentes de todos aqueles que são atingidos pela imagem. Tal conexão só é possível posto que, ao contemplar a imagem, uma pessoa igualmente atravessa-a, colocando um tanto de si na contemplação.

Assim, memórias e afetos, sonhos e crenças provocam e podem também intensificar a experiência com imagem. E igualmente serem desconstruídos na imagem. Ali, quando a imagem fala, presente e passado, tempo e espaço se unem entre a imagem que é contemplada e o olhar que o contempla. Nessa relação, também a lente observa e é igualmente observada enquanto sujeito e objeto de contemplação que pode criar outras circunstâncias de vida. E tais circunstâncias podem ser de violação, de agressão, como entende Susan Sontag, (2004): “obtemos no ato de fotografar um conhecimento que elas nunca podem ter; transformamos as pessoas em objetos que podem ser simbolicamente possuídos” (ibid, 25). Por isso o ato de fotografar enquanto circunstância técnica se torna menor, em face da experiência sensível compartilhada entre as mulheres. Entendemos ali a ideia de fotografia como pensa a autora Solange Gonçalves (2009). A narrativa fotográfica é permeada por fluxos divergentes,

fragmentados, em que a forma não é perfeita. Ao contrário. Na fotografia menor a imagem que germina, subverte, descentra, incomoda provocando pensamento, reflexão (ibid, 12). Sendo multidimensional, oferece brechas para interpretações, histórias que potencializam a experiência da imagem. Logo, a fotografia menor "nos faz parar, desacelera o olhar que se torna intenso". (ibid, 14).

Considerações provisórias

O olhar que se volta de si para o mundo convoca-nos cotidianamente a existir. Entre telas, passamos os dias absorvendo narrativas externas que nos apontam lugares e nos sussurram funções. Ao ousarmos virar ao contrário a lente e investigarmos novas possibilidades com nossos corpos, potencializamos nosso próprio existir. Também o olhar que fotografa se detém diante da imagem e das muitas imagens que se fazem perceber. Nas ruas, nos gestos, o ato de reunir-se é um desafio que se apresenta diante de um quadro de barbárie, da falência do projeto político do governo Bolsonaro, enquanto o país se tornou o epicentro da pandemia,⁴ retomou o mapa da fome,⁵ perdeu 600 mil vidas enquanto a Ciência – como último fronte de combate – tenta equilibrar nossa resistência ao caos. Nesse ínterim, assistimos a cada dia a criação de factoides, verdadeiras cortinas de fumaça midiáticas, que se destinam a desviar os holofotes da pergunta hoje repetida mundo afora: o que afinal espera o governo brasileiro para agir em benefício da população que agonizou por dois anos, sem enfermarias, sem insumos, sem auxílio emergencial, emprego ou esperança e que hoje somam 18% da população de famintos e 66% em situação de insegurança alimentar.⁶ Como não ocupar as ruas, erguer-se, criar potências políticas tão necessárias quanto urgentes? Por fim, cabe pensar: de que é feita uma cidade? Lutas, corpos, sonhos? De que modo é possível reinventar a experiência coletiva urbana, insistindo ser utopia diante da barbárie?

⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52779245> Acesso em 22/06/2022

⁵ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/relatorio-da-onu-mostra-que-brasil-voltou-para-o-mapa-da-fome-em-2021/#:~:text=A%20seguir-,Relat%C3%B3rio%20da%20ONU%20mostra%20que%20Brasil%20voltou,Mapa%20da%20Fome%20em%202021&text=Compartilhe%3A,quase%20um%20ter%C3%A7o%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 22/06/2022

⁶

https://www.brasilemfome.org.br/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=acaocidadania-ampliva-google-geral-redepenssan-trafego-44704-cpc&utm_content=acaocidadania-ampliva-google-geral-redepenssan-trafego-44704-cpc-as18+ampla-generica-texto&gclid=Cj0KCCQjwlemWBhDUARIsAFp1rLX9VSGrihGsNH02YxMn3o67pRxI3aDyk3iesR3BeNb4fK-4cN_PfyoaAlhHEALw_wcB Acesso em 22/06/2022

Haverá futuro, enquanto formos atravessados pelo silêncio de tantos mortos, de tantas dores, vítimas de uma política de morte que nos desafia diariamente a desistir? O caos cotidiano, a fome, a peste e a dor são uma memória impossível de ser esquecida. Mas que pode ser ressignificada, pelo exercício diário de estarmos juntos, ousando nos erguer apenas mais uma vez e reafirmar nosso compromisso com a vida, a igualdade e a justiça; e só assim, ocupando os espaços a que temos direito, poderemos ser livres.

BIBLIOGRAFIA

- Barthes, R. 1984. *A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Butler, J. 2018. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas: Notas para uma Teoria Performativa de Assembleia*. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Didi-Huberman, G. 2017. *Levantes*. São Paulo: SESC.
- Foucault, M. 2013. *O Corpo Utópico, as Heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1.
- Gonçalves, S. M. L. P. 2009. “Por uma fotografia ‘menor’ no fotojornalismo diário contemporâneo”. *E-Compós* (Brasília), v. 12, pp. 1-17.
- Jacques, P. B. 2008. “Corpografias urbanas”. In: *Vitruvius*. Arqtextos, v.8. Disponível em: <<https://goo.gl/G5bAPv>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- _____. 2006. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA.
- Le Breton, D. 2007. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis, RJ:Vozes.
- Sennett, R. 2003. *Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental*. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3 ed., Rio de Janeiro: Record.
- Sontag, S. 2004. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras.